

Professores de alemão no Brasil – entre mitos e realidade

Paul Voerke¹

Titel: Deutschlehrer in Brasilien – zwischen Mythen und Tatsachen

Title: German teachers in Brazil – between myths and reality

Palavras-chave: Brasil; formação de professores de alemão; mitos; realidade laboral

Schlüsselwörter: Brasilien; Deutschlehrausbildung; Mythen; Arbeitssituation

Key-words: Brazil; German Teacher training; Myths; Working conditions

1 Introdução

No Brasil contamos com 17 universidades – a maioria delas instituições públicas – com ofertas de cursos de licenciatura em Letras-Alemão. Não são poucos os estudantes destes cursos que se perguntam se teriam futuramente a possibilidade de trabalhar na área da sua formação acadêmica, já que o idioma alemão quase não é ministrado nas escolas públicas do país. Concomitantemente, há regiões onde encontramos escolas com alta demanda de professores de alemão. Como se explicaria esta situação?

O ponto de partida para esclarecermos essa questão seria a análise de dados disponíveis sobre a situação laboral dos graduados em Letras-Alemão que atualmente trabalham na área de ensino. Para tanto, seria preciso agregar informações sobre a formação destes professores, pois esta determina consideravelmente o caminho profissional dos egressos.

O ofício de professor de alemão teve início no país ainda na primeira metade do século XIX (cf. UPHOFF 2011: 13) e contamos com a formação de professores de maneira

¹ Professor convidado (Leitor) no Departamento de Letras Anglo-Germânicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); colaborador no Escritório Regional do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD); Email: paul.voerke@gmail.com

institucionalizada desde a fundação do Instituto Superior de Educação de Ivoti (ISEI), em 1909, e a introdução do curso de Letras-Alemão em várias universidades a partir de 1940 (cf. PUPP SPINASSÉ 2005: 125; UPHOFF; PEREZ 2015: 14).

Apesar da longa trajetória, dados atuais a respeito do assunto são surpreendentes: encontra-se pouca pesquisa sobre a formação de professores e sobre a realidade laboral em que os professores formados estão trabalhando. Esta falta de dados é considerada problemática, pois somente com o conhecimento do perfil dos egressos e da situação laboral destes, poderíamos adaptar os cursos de graduação às exigências dos estudantes e dos futuros empregadores. Por outro lado, é frequente escutar, entre estudantes e docentes dos cursos de Letras-Alemão, variados mitos sobre as condições dos professores. Vale insistir, frente a esta situação, que a montagem da grade curricular destes cursos universitários deveria ser regida por informações comprovadas: daí a importância de pesquisas amplas sobre os cursos de germanística e a realidade laboral dos professores de alemão.

2 Fundamentos metodológicos do trabalho

O presente artigo pretende contribuir com a desmitificação das opiniões sobre a realidade laboral dos professores de alemão no Brasil, apresentando e discutindo alguns dos aspectos coletados em pesquisa realizada pelo autor do presente artigo². Neste projeto, cujo enfoque esteve direcionado à formação de professores de alemão no Brasil, foram utilizadas diferentes abordagens e instrumentos com a finalidade de obter vasta quantidade de dados a respeito do assunto. Entre eles estão:

- Pesquisa bibliográfica em livros, artigos, monografias, jornais, revistas e documentos oficiais, principalmente do Brasil e da Alemanha.
- Coleta de dados entre graduados de Letras-Alemão: um questionário eletrônico foi preenchido por 408 pessoas, sendo que 306 couberam no perfil da pesquisa e completaram todos os itens do questionário.

² Trata-se da pesquisa de doutorado intitulada “Deutsch als Chance: Ausbildung, Qualifikation und Verbleib von Absolventen brasilianischer Deutschstudiengänge” (no prelo).

- Entrevistas realizadas com especialistas que se dedicam às questões concernentes à formação docente. No total, contabilizamos 56 entrevistas empreendidas, sendo 37 delas realizadas com professores universitários efetivos de alemão.

A pesquisa combinou então abordagens qualitativas e quantitativas, chegando deste modo a utilizar um *desenho multi-metódico* (cf. KUCKARTZ 2014). Este procedimento tem várias vantagens, dentre elas a inclusão de diferentes perspectivas e alta representatividade: supondo que há no Brasil aproximadamente 1.500 professores de alemão ativos (cf. LIETZ DE PÉREZ 2015: 3; SOETHE 2010: 1624) e 90 docentes universitários efetivos (sem contar, neste momento, os professores substitutos), a pesquisa cobriu 20% dos professores e mais de um terço dos docentes universitários.

Os mitos a seguir não fizeram parte do projeto de doutorado supracitado, mas foram coletados nos últimos anos em conversas com colegas de trabalho. Não obstante, pode-se considerar sua relação, ainda que indireta, com os resultados da pesquisa realizada, pois foi justamente nas entrevistas com os especialistas que vários deles foram citados reiteradamente.

3 Os mitos

Enquanto nos cursos de História existem trabalhos consistentes relacionados ao tema “mitos” há mais de duas décadas (conferir, por exemplo, na obra de ALTRICHTER; HERBERS; NEUHAUS 2004), nos cursos de Letras as publicações baseadas neste conceito são relativamente recentes (ver, por exemplo, ANDRADE E SILVA 2015: 227). Não cabe discutir neste trabalho a definição de mito, quaisquer que sejam as disciplinas. No entanto, é preciso estabelecer que o abordamos neste contexto como algo que se aproxima bastante de uma crença (individual) que se multiplica e começa a orientar a opinião pública (coletiva). Neste sentido, o mito nasce de convicções, em primeiro lugar, subjetivas e individuais, mas ganha espaço através de conversas e discussões, usualmente informais.

Na sequência, será apresentada a seleção de alguns dos mitos que podem ser escutados continuamente no Brasil quando se discute a situação dos professores de alemão e de germanística em geral.

Mito n.º 1: Os estudantes entram no curso sem conhecimento do alemão

É frequente escutarmos que o maior desafio para os cursos de graduação de Letras-Alemão consiste no fato de que os estudantes entram sem conhecimento prévio da língua-alvo, e que, como consequência, uma parte importante do tempo dos estudos é dedicada à aprendizagem do idioma (cf. GIL DE ANDRADE 2010: 130). Para apurarmos a veracidade deste mito, uma das perguntas do questionário eletrônico referiu-se aos conhecimentos prévios dos estudantes:

Grupo	Total	Norte (n=24)	Centro (n=162)	Sul (n=120)
com conhecimentos prévios	177 (58%)	10 (42%)	66 (41%)	101 (84%)
sem conhecimentos prévios	129 (42%)	14 (58%)	96 (59%)	19 (16%)

Tabela 1: Conhecimentos prévios dos estudantes de Letras-Alemão

Existe uma clara diferença entre as distintas regiões do Brasil. Simplificando muito, pode-se determinar três *regiões macro* (o “norte” com pouca oferta de alemão, o “centro” com os grandes polos econômicos e industriais como Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo, e o “sul” com a influência da imigração alemã)³. Visivelmente, no sul há mais influência da língua e da cultura herdada: a porcentagem de estudantes de alemão que nesta região começam seus estudos com conhecimentos prévios da língua-alvo é duas vezes mais elevada que nas outras regiões do país. Ao mesmo tempo, através da análise dos dados coletados durante a pesquisa, tornaram-se evidentes mais dois fenômenos: o número de estudantes com conhecimentos prévios declinou nos últimos anos (66% dos estudantes que egressaram antes do ano 2006 iniciaram o curso com conhecimentos prévios, enquanto dentre os egressos após o ano de 2006, 55% já possuíam conhecimento do idioma ao ingressar no curso) e os conhecimentos geralmente se limitam ao nível básico, como mostra a seguinte tabela:

³ Conhecemos a divisão do território brasileiro em cinco regiões (norte, nordeste, centro-oeste, sudeste e sul). Para o caso das licenciaturas em Alemão, propõe-se outra perspectiva, pois não existem instituições que ofereçam tais cursos na região centro-oeste, apenas uma universidade no norte e duas outras no nordeste. Frente a esta realidade, dividiu-se o território brasileiro em três regiões com diferentes características, cujos detalhes foram explicados na tese de doutorado.

Nível de idioma	Total (n=197)	Norte (n=12)	Centro (n=83)	Sul (n=102)
A1	67 (34%)	5 (42%)	32 (39%)	30 (30%)
A2	39 (20%)	1 (8%)	11 (13%)	27 (26%)
B1	33 (17%)	3 (25%)	15 (18%)	15 (15%)
mais que B1	37 (19%)	0 (0%)	13 (16%)	24 (23%)
sem informação	21 (10%)	3 (25%)	12 (14%)	6 (6%)

Tabela 2: Nível de conhecimento prévio

Apesar da quantidade de alunos com conhecimentos prévios do idioma que ingressa na universidade ter declinado, seria relevante aproveitar as bases linguísticas e culturais destes estudantes, pois eles ainda constituem aproximadamente a metade dos calouros. Criar uma diferenciação interna eficiente para estes alunos constitui atualmente um desafio para os cursos de graduação (cf. STANKE; BOLACIO 2014: 127).

Mito n°. 2: Os estudantes terminam o curso com escassos conhecimentos de alemão

Um segundo mito, corroborado por exemplo por Kaufmann (2003: 34), diz respeito aos conhecimentos deficitários que os estudantes teriam ao concluir os cursos de graduação em Letras-Alemão. É interessante observar, neste sentido, o nível de idioma que os graduados indicaram no questionário e que corresponderia com os resultados em testes de proficiência indicados pelos graduados:

Nível de idioma	Total (n=305)	Norte (n=24)	Centro (n=161)	Sul (n=120)
menos que B1	38 (12%)	5 (21%)	25 (16%)	8 (7%)
B1	67 (22%)	5 (21%)	45 (28%)	17 (14%)
B2	72 (24%)	8 (33%)	36 (22%)	28 (23%)
C1	66 (22%)	4 (17%)	31 (19%)	31 (26%)
C2	45 (15%)	1 (4%)	15 (9%)	29 (24%)
não informado	17 (5%)	1 (4%)	9 (6%)	7 (6%)

Tabela 3: Nível de idioma dos estudantes de Letras Alemão ao terminar a graduação

Os resultados mostram que apenas um terço dos egressos chega ao nível C do Quadro Europeu Comum de Referência (QEQR), o que permitiria, por exemplo, seguir

um mestrado na Alemanha (cf. ROGGAUSCH 2009: 10). Incluindo, porém, nos cálculos o nível B2, podemos observar basicamente dois terços dos egressos com algum nível de fluência em língua alemã.

Mito n.º 3: Os estudantes não querem trabalhar como professores de alemão

Outro mito diz respeito à pretensão dos estudantes de Letras-Alemão de trabalhar futuramente como professores de alemão. Neste sentido, há que se destacar que boa parte dos estudantes entra na universidade sem conhecer as possibilidades de trabalho, como por exemplo acontece na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ): “É importante ressaltar que a grande maioria dos estudantes não tem noção de que se pode tornar professor de alemão, nem de que existe um mercado para tal carreira” (STANKE; BOLACIO 2016: 328). Parece importante, portanto, incluir nos cursos de graduação mais informações sobre futuros campos de trabalho que estão abertos para os egressos de Letras-Alemão.

Mito n.º 4: A maioria dos egressos não trabalha como professor de alemão

Paralelo ao mito a respeito dos graduados não desejarem trabalhar como professores de alemão persiste a ideia de que, de fato, são pouquíssimas pessoas que finalmente optam por exercer esta profissão. Os números da pesquisa mostram, entretanto, que o panorama desta situação é bastante distinto:

Experiência	Número de indicações
... como professor de língua	276 (90%)
... de alemão	245 (80%)
... de português	111 (36%)
... de inglês	49 (16%)

Tabela 4: Experiência como professor de língua

Contrariamente à opinião geral, nove entre dez graduados em Letras-Alemão declaram ter experiência como professor de língua, sendo que quatro de cinco obtiveram-na através do ensino de língua alemã. Este dado suscita a importância de incluir nos currículos uma boa formação didática, pois assim a maioria dos egressos adquiriria

benefícios concretos. Cabe ressaltar também que o contexto do ensino da língua é muito diverso: embora a maioria dos egressos trabalhe em algum momento como professor de alemão, nem sempre é por muito tempo e somente a minoria consegue vaga de trabalho em contextos institucionalizados, com perspectiva de trabalho estável, como podemos observar na seguinte tabela:

Atividade laboral	Número de indicações
1. Dar aula (em geral)	186
2. Dar aula (privada)	55
3. Dar aula em escolas	51
4. Mestrado, doutorado, pesquisa	42
5. Dar aula de português	34
6. Trabalhar com tradução	31

Tabela 5: Atividade laboral dos graduados de Letras Alemão

Mito n.º 5: Professores de alemão ganham pouco no Brasil

Talvez o mito mais persistente seja concernente à renda dos profissionais, isto é, à ideia de que como professor de alemão não há chance de receber um salário razoável. Novamente encontramos um panorama divergente, como é visível na seguinte tabela:

Receita (por mês)	Total (n=302)	Norte (n=24)	Centro (n=159)	Sul (n=119)	Egressos antes de 2006 (n=82)	Egressos depois de 2006 (n=220)
menos de 3.000 R\$	138 (46%)	12 (50%)	71 (45%)	55 (46%)	18 (22%)	120 (55%)
3.000 – 5.000 R\$	84 (28%)	3 (13%)	45 (28%)	36 (30%)	30 (37%)	54 (25%)
5.000 – 7.000 R\$	32 (11%)	4 (16%)	15 (10%)	13 (11%)	12 (15%)	20 (9%)
7.000 – 9.000 R\$	12 (4%)	3 (13%)	7 (4%)	2 (2%)	6 (7%)	6 (3%)
9.000 – 11.000 R\$	9 (3%)	0 (0%)	6 (4%)	3 (3%)	4 (5%)	5 (2%)
mais de 11.000 R\$	10 (3%)	0 (0%)	5 (3%)	5 (4%)	7 (8%)	3 (1%)
não informado	17 (5%)	2 (8%)	10 (6%)	5 (4%)	5 (6%)	12 (5%)

Tabela 6: Renda mensal dos professores de alemão

Podemos constatar que quase a metade dos egressos do curso de Letras-Alemão possui renda mensal inferior a R\$ 3.000, salário menor do que em muitas outras áreas de formação, cujo tempo estimado para conclusão do curso é o mesmo. Embora não seja fácil comprovar este dado, pois o piso salarial para professores varia muito entre as diferentes regiões do Brasil, estudos indicam que o salário inicial, mesmo com contrato permanente de funcionário público, não supera muito este valor (cf. ESPÍNDOLA FERNANDES; BARBOSA GOUVEIA; BENINI 2012). A desvalorização da profissão docente é ainda mais nítida quando observamos que o salário de professores é o segundo mais baixo de todos os países industrializados e que na Alemanha, por exemplo, um professor de escola inicia sua vida profissional ganhando quase quatro vezes mais que seu colega brasileiro (cf. OECD 2016: 1, 4).

Concomitantemente aos dados anteriormente mencionados, destacam-se aqueles que aludem à renda dos egressos antes de 2006, com os quais podemos constatar que somente um de cada cinco egressos recebe menos de R\$ 3.000, o que indica que a experiência na profissão ajuda visivelmente a aumentar a receita. Tomando como exemplo a demanda por professores particulares na cidade do Rio de Janeiro, onde o custo de uma hora de aula particular de alemão pode variar entre 70 e 100 reais e que, além disso, em vários estados do país há bastante procura por professores, as opções laborais não parecem de todo negativas.

4 Conclusões

Analisando os dados levantados e aqui expostos, pode-se afirmar que alguns mitos têm base fundamentada. Por outro lado, ficou evidente que a realidade dos professores de alemão e de germanística é bem mais complexa e não pode ser limitada a informações e opiniões imprecisas. Precisamos de mais informações e pesquisas sobre o assunto, visto que, apesar do crescente número de publicações, principalmente nos últimos anos (cf. BOHUNOVSKY 2011, DAAD 2014, UPHOFF ET AL. 2015), ainda encontramos muitas lacunas a respeito do tema, sobretudo em nível nacional. Diante dessas considerações, notamos que é de suma importância apontar as crenças e mitos que existem, discuti-los e substituir as ideias dispersas por informações comprovadas, com a finalidade de profissionalizar e fortalecer a germanística no país.

Referências bibliográficas

- ALTRICHTER, Helmut; HERBERS, Klaus; NEUHAUS, Helmut (ed.). *Mythen in der Geschichte*. Freiburg/Br., Rombach Historiae, 2004.
- ANDRADE E SILVA, Mariana K. Materiais didáticos no ensino de Alemão como Língua Estrangeira para público universitário. In: GALLE, Helmut; PEREIRA, Valéria Sabrina (ed.). *Anais do 1º Congresso da Associação Brasileira de Estudos Germanísticos*. São Paulo, ABEG, 2015, 224–232.
- DEUTSCHER AKADEMISCHER AUSTAUSCHDIENST – DAAD (ed.). *Germanistik in Brasilien: Herausforderungen, Vermittlungswege, Übersetzungen*. Beiträge der DAAD-Germanistentagung 2013 mit dem Partnerland Brasilien. Göttingen, Wallstein, 2014.
- ESPÍNDOLA FERNANDES, Maria Dilnéia; BARBOSA GOUVEIA, Andrea; BENINI, Élcio Gustavo. Remuneração de professores no Brasil: um olhar a partir da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). In: *Revista Educação e Pesquisa*, v. 38, n. 2 (2012). São Paulo, 2012, 339–356.
- GIL DE ANDRADE, Fernando. Deutsch lernen und lehren in Brasilien. In: BADER, Wolfgang (ed.). *Deutsch-brasilianische Kulturbeziehungen*. Frankfurt am Main, Vervuert, 2010, 127–134.
- KAUFMANN, Göz. Deutsch und Germanistik in Brasilien. In: *Jahrbuch für internationale Germanistik*, Jahrgang XXXV / Heft 1, 2003, 29–39.
- KUCKARTZ, Udo. *Mixed Methods. Methodologie, Forschungsdesigns und Analyseverfahren*. Wiesbaden, Springer VS, 2014.
- LIETZ DE PÉREZ, Martina. *Informações zur Referendarausbildung*. São Paulo, Zentrum für Lehrerbildung DaF (ZfA/Colégio Visconde de Porto Seguro), 2015.
- OECD (ed.). *Bildung auf einen Blick 2016. OECD-Indikatoren*. Paris, OECD Publishing, 2016. [Versão alemã, editada pelo Ministério de Educação e Pesquisa – BMBF].
- PUPP SPINASSÉ, Karen. *Deutsch als Fremdsprache in Brasilien*. Frankfurt, Lang, 2005.
- ROGGAUSCH, Werner. Wissenschaft – Berufsbezug – Sprachpraxis. Perspektiven für Germanistik und DaF an Hochschulen im Ausland. In: CASPER-HEHNE, Hiltraud; MIDDEKE, Annegret (ed.). *Sprachpraxis der DaF- und Germanistikstudiengänge im europäischen Hochschulraum*. Göttingen, Universitätsverlag, 2009, 1–12.
- SOETHE, Paulo. Deutsch in Brasilien. In: KRUMM, Hans-Jürgen et al. (ed.). *Deutsch als Fremd- und Zweitsprache. Ein internationales Handbuch*. Berlin, De Gruyter, 2010, 1624–1627.
- STANKE, Roberta; BOLACIO, Ebal. Germanistik und DaF an der Universidade do Estado do Rio de Janeiro. In: DAAD (ed.). *Germanistik in Brasilien: Herausforderungen, Vermittlungswege, Übersetzungen*. Göttingen, Wallstein Verlag, 2014, 127–129.
- STANKE, Roberta; BOLACIO, Ebal. O Ensino de Alemão no Ambiente Escolar e a Formação de Professores. In: GALLE, Helmut; PEREIRA, Valéria Sabrina (ed.). *Anais do 1º Congresso da Associação Brasileira de Estudos Germanísticos*. São Paulo, ABEG, 2016, 326–334.
- UPHOFF, Dörthe. Uma pequena história do ensino de alemão no Brasil. In: BOHUNOVSKY, Ruth (ed.). *Ensinar alemão no Brasil. Contextos e Conteúdos*. Curitiba, Editora UFPR, 2011, 13–30.
- UPHOFF, Dörthe; PEREZ, Juliana. Caminhos da graduação em Letras Alemão na Universidade de São Paulo. In: UPHOFF, Dörthe et al. (ed.). *75 anos de alemão na USP*. São Paulo, Humanitas, 2015, 13–24.
- VOERKEL, Paul. *Deutsch als Chance: Ausbildung, Qualifikation und Verbleib von Absolventen brasilianischer Deutschstudiengänge*. [Tese de doutorado, no prelo].